

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Canoa Furada: A cultura caiçara frente ao conflito entre tradição e capital
no município de São Sebastião**



[Pescadores e crianças caiçaras na Baía do Araçá, território de pesca no município de São Sebastião - década de 1930. Créditos. Agnelo Ribeiro]

PEDRO DOS SANTOS JUNQUEIRA

Orientadora: Simone Scifoni

São Paulo, SP

2024

RESUMO

O presente trabalho aborda as formas de resistência e permanências da cultura caiçara no município de São Sebastião, frente ao crescimento exponencial do município a partir dos anos 1960. A fim de entender tais processos e disputas territoriais, aspectos de diferentes esferas foram considerados. Primeiramente foi realizada uma contextualização sobre as primeiras ocupações caiçaras no município, e de que forma surgiu e se estabeleceu esta população. Em sequência buscou-se abordar como esta população lidou e resistiu com a forte especulação ocorrida em todo o território sebastianense com o projeto viário pensado para ligar os municípios de Santos e Rio de Janeiro, arquitetado pelo governo militar, e encabeçado pelo então ministro de transportes Mário Andreazza, buscando explorar o território com a ocupação turística, e grandes obras de infraestrutura, como a implementação da Petrobras no município. Por fim, aborda-se as formas encontradas pela cultura caiçara de resistir e permanecer à frente das invasões financeiras ocorridas no município. O projeto foi elaborado em formato audiovisual, um documentário de media-metragem com o título homônimo *Canoa Furada*, e este documento funciona como complemento textual e acadêmico para o mesmo. Para realizar esta pesquisa, os seguintes procedimentos foram realizados: leitura de textos acadêmicos acerca do assunto; entrevistas e conversas *in locu* com moradores do município de São Sebastião; realização de filmagens no município de São Sebastião - tanto entrevistas com moradores e pesquisadores, quanto filmagens do território e da população sebastianense.

Palavras-chave: Cultura Caiçara; ocupação imobiliária; São Sebastião; Petrobrás; Rio-Santos

ABSTRACT

The present work addresses the forms of resistance and permanence of *caiçara* culture in the city of São Sebastião, given the exponential growth of the municipality from the 1960s onwards. To understand such processes and territorial disputes, aspects from different spheres were considered. Firstly, a contextualization was carried out on the first *caiçara* occupations in the city, and how this population emerged. In sequence, was investigated how this population dealt with and resisted the strong speculation that occurred throughout the territory of São Sebastião with the road project designed to connect the municipalities of Santos and Rio de Janeiro, designed by the military government, and headed by the minister of transports Mário Andreazza, seeking to explore the territory with tourist occupation, and major infrastructure works, such as the implementation of Petrobras in the municipality. Finally, the forms found by the *caiçara* culture of resistance and staying ahead of the financial invasions that occurred in the municipality. The project was prepared in audiovisual format, a medium-length documentary with the homonymous title *Canoa Furada*, and this document works as a textual and academic complement to it. To carry out this research, the following procedures were carried out: reading academic texts on the subject; interviews and on-site conversations with residents of the municipality of São Sebastião; filming in the municipality of São Sebastião - both interviews with residents and researchers, as well as filming of the territory and the population of São Sebastião.

PREFÁCIO

Caiçara eu sou, de nascença
À beira do mar, eu nasci
E não há quem me convença
Que eu viva fora daqui

Enquanto peixes dão salto
Não pulo deste lugar
Viajo para o planalto
Depressa quero voltar

Não vejo essas maravilhas
Lá fora deste lugar
Altars do mar, são ilhas
Tapete do mundo, é o mar

Que nunca me falte abrigo
Na terra que eu sempre quis
Que a morte eu tenha comigo
Na vida, serei feliz

Caiçara eu sou, de nascença
Na beira do mar nasci

(Henrique Botelho - Professor Estadual de São Sebastião)

ÍNDICE

Resumo	pg.2
Prefácio	pg.5
Introdução.....	pg.6
Argumento.....	pg.11
Entrevistados	pg.14
Bibliografia de Pesquisa.....	pg.16
Filmografia de Pesquisa.....	pg.16

INTRODUÇÃO

Durante os últimos cinco anos, enquanto cursava a Faculdade de Geografia na USP, passei a me envolver intensamente com o fazer cinematográfico, e a trabalhar no meio audiovisual.

Por mais que a universidade tenha me aberto muitas portas, e possibilitado eu me aprofundar em assuntos pertinentes para o mundo que hoje vivemos, e para os meus interesses intelectuais, nunca consegui me acostumar com o formato de produção acadêmica.

Tendo isso em vista, trabalhar com o cinema, foi um caminho inevitável a ser traçado, uma produção que inevitavelmente demanda um processo de pesquisa e investigação que muito se assemelha ao de uma produção acadêmica, mas que em seu resultado final, traz soluções sensoriais que considero mais impactantes e digeríveis para abordar algum assunto em questão.

Nos anos que se seguiram, equilibrando a universidade com o trabalho em uma produtora cinematográfica, adentrando em temáticas e projetos variáveis, um assunto em especial sempre esteve presente em meu cotidiano: a questão da ocupação do litoral norte de São Paulo, mais especificamente do município de São Sebastião. A produtora em que eu trabalhava foi contemplada em um edital público para realizar um projeto de longa-metragem documental que se passasse na cidade são-sebastianense. E então, adentramos em um intenso processo de pesquisa e desenvolvimento do projeto para concepção do filme, que intitulamos “Topo”. Foram muitas idas à cidade, onde pudemos ter contato com pesquisadores, turistas e moradores que nos trouxeram informações interessantes para entender a maneira com que São Sebastião se expandiu e desenvolveu ao longo dos anos. Um assunto em especial nos chamou especial atenção diante de todo este processo: a desmobilização local e o apagamento da população caiçara diante da chegada de grandes obras de infraestrutura na cidade, e da implementação do turismo enquanto um projeto de desenvolvimento econômico na cidade.

O longa-metragem tomou forma, e acabamos optando por caminhos mais experimentais, e diante da abordagem documental pretendida inicialmente, no qual buscávamos trabalhar a cidade de São Sebastião, sua cultura e seus habitantes, acabamos mesclando traços ficcionais na narrativa e uma grande mistura de linguagens. Optamos por abordar a cultura caiçara e as mudanças socioespaciais da cidade a partir de dois protagonistas - moradores reais que vivem na cidade e que após um longo processo de trocas e convivências, gostaram da ideia de participar como atores do filme:

O primeiro é um senhor caiçara de 70 anos, nascido e criado no centro de São Sebastião, Edivaldo Nascimento. Desde sua infância, Edivaldo teve uma paixão: o cinema. Com 12 anos de idade ele teve seu primeiro contato com um filme, e a partir de então Edivaldo envidou todos seus esforços para fazer filmes, em um tempo em que São Sebastião ainda era ligeiramente isolado da capital paulista. Após muitos anos, conseguiu comprar uma câmera, aprender a manuseá-la, e começou a fazer filmes caseiros com seus amigos. Com o passar do tempo tornou este hobby uma profissão e passou anos registrando fotos da cidade e da cultura caiçara, além de tornar-se o maior colecionador de arquivos em vídeo e foto da cidade de São Sebastião.

No longa-metragem “Topo”, filmamos Edivaldo em um processo de filmagem de um novo filme. Ele saiu por São Sebastião com uma câmera digital entrevistando caiçaras antigos que possuem histórias marcantes sobre a cultura e os esforços para defendê-la da especulação imobiliária, do turismo, e dos projetos de infraestrutura no município.



[Edivaldo Nascimento, filmando “China”, morador caiçara da Praia de Santiago, indo em direção à rede de cerco para pescar, durante as filmagens do filme “Topo”. Créditos: Fábio Bardella]

A segunda personagem é Cleiane, uma jovem de 21 anos, filha de migrantes baianos, que mora no Bairro da Topolândia, uma região periférica do centro de São Sebastião. Há muitos e muitos anos, Cleiane vem convivendo com a obra de ampliação da Rodovia dos Tamoios - que liga o Litoral Norte ao planalto, mais especificamente São José dos Campos - obra vizinha da sua casa, que diariamente trazia barulhos ensurdecedores, rachaduras nas paredes e constantes ameaças de despejo pela residência estar em uma área de “risco”. Em “Topo”, trouxemos a convivência de Cleiane com esse ambiente caótico em obras e sua busca por um novo lar, à medida que não suporta mais o barulho da obra.

Com estes dois personagens buscamos trazer paralelos entre o novo e o velho, a população caiçara, e a população da Topolândia, que foram expulsas de suas terras em prol do progresso.



[Cleiane caminhando no Bairro da Topolândia, zona periférica de São Sebastião, nas filmagens de Topo. Créditos: Fábio Bardella]

No presente momento, o filme encontra-se em estágio final de produção, e vai ser lançado no primeiro semestre de 2024. Conforme comentado anteriormente, o filme ganhou traços ficcionais, e conta com uma grande quantidade de linguagem visuais diferentes, fotos, materiais de arquivo, as filmagens da câmera de Edivaldo e muitos outros. No entanto, todo o material de pesquisa que gravamos para desenvolver o projeto não foi utilizado. Muitas entrevistas interessantes com caiçaras tradicionais, pesquisadores, moradores da cidade, dentre outros.

A partir deste trabalho, e diante dos rumos que ele tomou, surge minha vontade de unir estes fragmentos audiovisuais com o curso de geografia. A proposta deste trabalho de graduação individual é produzir um filme mais formal e acadêmico, contando com depoimentos e materiais de arquivo para retratar o desenvolvimento da cidade de São Sebastião a partir da perspectiva da caiçara. De forma complementar ao filme que realizei com a produtora e que ganhou traços mais artísticos e experimentais, o presente trabalho traz de forma mais formal, com depoimentos, filmagens documentais, entrevistas e materiais de arquivo, um panorama sobre a cultura caiçara e o município de São Sebastião. São filmes irmãos que se complementam e conversam, o primeiro, realizado com toda uma equipe profissional, financiamento, e equipamentos de qualidade. O segundo, realizado de forma totalmente autônoma, independente e audiovisual, como forma de unir meu trabalho com o cinema e minha formação universitária em geografia.

Ainda hoje, para os paulistas que frequentam ou não o seu litoral, muito se ouve sobre o termo “caiçara”: No entanto, o termo caiçara é comumente, e cada vez mais distanciado das tradições e cultura que eles representam. As atividades tradicionais do roçado, as técnicas centenárias de pesca, o fandango e outras formas de expressão desta cultura ficam em segundo plano, e o “caiçara” dos dias de hoje é simplesmente aquele que “mora perto da praia”, “relaxado”, por vezes “preguiçoso”.

Apesar deste trabalho ter o recorte espacial do município de São Sebastião, o termo caiçara abrange um território maior. Segundo Antonio Carlos Diegues, o termo *caiçara* é oriundo do tupi-guarani, sendo a junção de duas palavras: *caá* (mata) e *içara*, que pode ser entendido como armadilha, ou cerca (DIEGUES, 2004). *Caiçaras* eram entendidas como as paliçadas que cercavam as aldeias indígenas, e foi adaptada pelas comunidades caiçaras para proteger seus roçados, ou inclusive para a pesca, criando um ambiente cercado para prender os peixes (ADAMS, 2000)

Em entrevista cedida para o projeto “Topo” em março de 2023, Felipe Zangado, caiçara sebastianense de família tradicional do município comenta que o caiçara tradicional pode ser entendido como a constituição preliminar da sociedade brasileira: “uma mistura dos portugueses, dos índios aqui já presentes e dos negros vindos escravizados. Mas, no

entanto, [a cultura caiçara] manteve-se para preservação de sua existência, arraigada principalmente nas técnicas da cultura indígena, da pesca e do roçado, principalmente da mandioca, tendo o peixe e a farinha como sua principal dieta.

Elementos da cultura caiçara podem ser encontrados em toda a região costeira sul e sudeste do Brasil, mas, no entanto, encontram seus polos socioculturais entre o litoral norte do Paraná e o litoral sul do Rio de Janeiro (FORTES, 2005). Neste projeto, não pretendo entrar em detalhes sobre o processo de ocupação territorial caiçara no litoral sul-sudeste, mas sim do processo de desapropriação deste território historicamente utilizado pela comunidade caiçara.

ARGUMENTO

Muito deste discurso a respeito do “caiçara” foi sendo construído a partir da década de 1960 na esteira dos projetos desenvolvimentistas do governo militar, apesar de termos relatos deste preconceito sofrido pelas populações caiçaras em períodos anteriores, como demonstrado por Seu Neco, caiçara tradicional de Ubatuba, na dissertação de mestrado de Marina de Mello Fontanelli, intitulada “A Rodovia e os Caiçaras: A Construção da Rio Santos e suas consequências para as comunidades locais em Ubatuba. Ele comenta que justamente antes da construção da Rodovia Rio-Santos, o termo caiçara foi sinônimo de expressões como *vagabundo* e *malandro*, e que “a turma lá da Ilhabela, se chamasse de caiçara, ‘Deus o livre...’, era uma briga, porque eles não gostavam, mas era caiçara, porque morava na beira da praia.

Apesar destas conotações pejorativas serem construídas há muitos anos além do processo de crescimento do litoral norte paulista, tal imagem do caiçara cresceu exponencialmente após a construção das rodovias de acesso, e à implementação do turismo, mas, nesse segundo momento, como forma de estratégia política para ocupação pelas grandes empreiteiras, o governo, e forasteiros interessados nas propriedades caiçaras

Edivaldo Nascimento, caiçara tradicional de São Sebastião e protagonista do filme “Topo” comenta a respeito em entrevista cedida à mim em março de 2023:

Muitos hoje dizem que o caiçara é desconfiado, egoísta etrambiqueiro. Não deixo de concordar. Mas isso tem um motivo. Quando começaram a vir os primeiros forasteiros, pessoas interessadas em nossas propriedades, em um primeiro momento sempre procuramos trata-los com respeito, sempre tratamos os outros assim, é algo cultural de nossa comunidade. Mas nos fechamos e ficamos desconfiados foi a forma que encontramos para lidar com essa gente, que sempre, com raras exceções tentou nos passar a perna. Meu pai, por exemplo, tinha um rancho a beira-mar ali no Porto Grande [região central do município]. Ele era muito inocente, nunca precisou ter malícia nas suas ações. Daí veio um pessoal lá de São José [dos Campos], cheio da grana, querendo comprar o terreno de meu pai, mas ele não queria vender. Só sei que depois de muita conversa, ele ofereceu para o meu pai um rádio de pilhas e o meu apadrinhamento, dizendo que no futuro seria bom para mim, porque teria direito à herança e tudo mais. Ele carimbou o dedo em um documento, e pronto, nunca mais viu a cor do terreno, nem do novo proprietário. Esse foi apenas um dos casos.

O presente projeto busca investigar mais casos como este: famílias caiçaras que perderam seus terrenos à beira-mar e foram se distanciando da praia, e consequentemente dos meios para poder exercer sua cultura, intimamente ligada a este ambiente. Além destes depoimentos, de caiçaras de São Sebastião tanto do Centro quanto da Costa Sul do município, serão gravados depoimentos com historiadores e especialistas, buscando amarrar historicamente a diminuição de propriedades caiçaras na beira do mar, e consequentemente de sua cultura, com os projetos desenvolvimentistas da região, desde o regime militar até os presentes dias.

O documentário irá trazer também imagens documentais que apresentem ao espectador as transformações espaciais ocorridas na região, mesclando vídeos e fotografias antigas com filmagens atuais das praias, ruas e demais ocupações urbanas da cidade.



[Construção da Rio-Santos é mais uma "obra faraônica" da Ditadura Militar que violentou população tradicional e ecossistema - Acervo Digital do Arquivo Nacional]

Seria no mínimo irresponsável deixar de abordar os acontecimentos climáticos ocorridos no feriado de Carnaval do presente ano, com as chuvas fortíssimas, nunca antes vistas, que devastaram o município. Seu nível de precipitação muito acima da média para o período, somado à falta de planejamento urbano para auxiliar a construção de residências causou inundações e deslizamentos trágicos nas regiões próximas às encostas de São Sebastião, encostas estas habitadas principalmente por famílias caiçaras que foram

retiradas de suas residências próximas ao mar, e por descendentes de migrantes, em sua maioria mineiros, baianos e pernambucanos, que vieram para a região em busca de trabalho, seja na área do turismo, empregados das casas de veraneio, ou do terceiro setor para abastecer esta demanda, seja do trabalho braçal que demandaram as construções de obras como a Rodovia Rio-Santos, a Rodovia dos Tamoios, e as instalações da Petrobrás na região.



Família Caiçara posa para foto em frente ao canal de São Sebastião - década de 1930. Créditos:Agnello Ribeiro]

ENTREVISTADOS

EDIVALDO NASCIMENTO

Caiçara tradicional do centro de São Sebastião, desde os anos 1970 é um amante da história do seu município e da cultura caiçara. Fotógrafo de profissão, se dedicou ao longo dos anos a registrar o que resta de sua cultura, e colecionar fotografias que mostram como era a cidade em tempos passados.

FELIPE ZANGADO

Caiçara de tradicional família Pereira Leite, da Ilhabela, se mudou para São Sebastião ainda pequeno, onde viveu e criou raízes. Trabalha no Porto de São Sebastião, e esteve imerso em todos os recentes projetos de infraestrutura, aplicados ou não, do Canal de São Sebastião

ROSANGELA DIAS

Nascida em São Sebastião, no tradicional Bairro de São Francisco. Formou-se em história pela Univap e é mestre em história social pela PUC-SP. É professora da rede estadual de ensino e do curso de Tecnologia do Turismo da Faculdade de Caraguatatuba, no qual também é coordenadora do curso de história. Autora do livro São Sebastião: Transformações de um Povo Caiçara

NIL PEREIRA

Morador da Costa Sul, na praia de Juquehy, se mudou para Juquehy nos anos 1970, saindo de Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina - BA em busca de emprego. Encontrou possibilidade de trabalho como jardineiro nas casas de veraneio de Juquehy, que hoje é o lar de seus filhos e netos.

JOANA DOS PASSOS

Moradora da Praia de Santiago, na Costa Sul, é um exemplo de resistência caiçara ao mercado imobiliário. Ainda hoje, com a praia toda ocupada pelas casas de veraneio, ela preserva um rancho caiçara na beira do mar, onde ela, seus parentes e amigos ainda praticam a pesca, o roçado e outros elementos da cultura. Hoje ela possui uma barraca de praia como forma de trabalho.

CHICHA

Proprietária de um tradicional “boteco” no Bairro de São Francisco, um bairro ainda majoritariamente caiçara e pesqueiro. Com o bar ao lado do principal polo de pesca caiçara da cidade, o pier de São Francisco, Chicha ainda mantém o bar aos moldes antigos, seja pela decoração, pelos petiscos, muitas vezes preparados com a disponibilidade de pescados disponível no dia, e também da clientela - o bar ainda é frequentado majoritariamente pela comunidade caiçara do bairro.

EULÁLIA LARA

Uma das mais antigas moradoras da praia de Toque-toque Pequeno, foi a responsável por manter viva a cultura caiçara em seu bairro, frente a chegada de empreiteiras ansiando ocupar a grande maior parte dos terrenos a beira-mar da praia. Hoje em dia possui uma pousada na praça central de Toque-toque Pequeno.

MARIA ANGÉLICA MOURA

Jornalista caiçara, trabalhou nos meios de comunicação da Petrobrás, e vem há 37 anos, denunciando as injustiças realizadas contra os caiçaras em toda a costa de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.

RENATO DEODATO

Morador do centro de São Sebastião, e o responsável por cuidar do rancho da praia do Deodato, onde sua família possui propriedades. Morador da região desde nascença, Renato observou de perto todas as mudanças ocorridas na região, e atualmente assiste a propriedade da sua família ser desmantelada para construção da Nova Rodovia dos Tamoios.

BIBLIOGRAFIA DE PESQUISA

RESSURREIÇÃO, Rosângela Dias da. **São Sebastião**: Transformação de um povo caiçara. [S. l.]: Humanitás, 2002.

SIQUEIRA, Priscila. **Genocídio dos Caiçaras**. 1ª edição. ed. [S. l.: s. n.], 1984.

FONTANELLI, Mariana de Mello. **A Rodovia e os Caiçaras**: A construção da Rio-Santos e suas consequências para as comunidades locais em Ubatuba (SP). Orientador: Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia. 2019. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, [S. l.], 2019.

FILMOGRAFIA DE PESQUISA

A CIDADE é uma Só?. Direção: Adirley Queirós. Produção: Adirley Queirós. Roteiro: Adirley Queirós. Brasília: [s. n.], 2013. Disponível em: download na internet. Acesso em: 31 out. 2023

IL Buco. Direção: Michelangelo Framartino. Produção: Doppio Nodo Double Bind. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: Download na internet. Acesso em: 16 out. 2023.

MEMÓRIA Caiçara. Direção: Zoran Djordjevic. Produção: Z Imagens. Fotografia de Zoran Djordjevic; Edivaldo Nascimento. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3vCGL1E52k&t=2258s>. Acesso em: 10 out. 2023.

A VIZINHANÇA do Tigre. Direção: Affonso Uchoa. Produção: Affonso Uchoa. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: Amazon Prime. Acesso em: 10 out. 2023.